

Artigo de Revisão

Pesquisa Qualitativa: *desbravando territórios possíveis de se fazer ciência na Educação Física*

Flávio Soares Alves

Escola de Educação Física e Esportes, USP, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: O objetivo deste texto é expor os mecanismos através dos quais o sujeito foi resumido na ordem dos dados, como recurso para extrair-lhe uma suposta objetividade provedora de legitimidade científica e, a partir daí, observar o esforço das Ciências Humanas – sob a perspectiva da Hermenêutica filosófica de [Gadamer \(2003\)](#) – na busca por uma proximidade com o sujeito – atenta ao perigo da redução objetiva – através da verificação das histórias de vida. Esta aproximação permite indagar sobre as possibilidades da Educação Física ampliar seu âmbito de conhecimento ao levar em conta o corpo e o movimento como agentes potenciais de história, revelando uma afinidade ontológica entre campos distintos de conhecimento. O corpo em movimento cria linguagem. As histórias de vida captam esta linguagem, expondo sua estrutura comunicacional. A Hermenêutica torna esta comunicação compreensível na verificação de um interlocutor e é esta verificação – e as possibilidades ainda não desbravadas que ela anuncia – que pode interessar à Educação Física.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Histórias de vida. Ciências Humanas. Metodologia.

Qualitative research: searching possible territories to produce science in the Physical Education

Abstract: The objective of this article is to display the mechanisms through which the subject was summarized in the order of the data, as resource to extract a supposed objectivity supplier of scientific legitimacy and, from there, to observe the effort of Human Sciences - under the perspective of the philosophical Hermeneutics of [Gadamer \(2003\)](#) – for a proximity with the subject – taking care of the danger of the objective reduction - through the verification them life histories. This approach allows inquiring on the possibilities of the Physical Education to extend its scope of knowledge when leading in account the body and the movement as potential agents of history, disclosing an ontology affinity between distinct fields of knowledge. The body in movement creates language. Life histories catch this language, displaying its communicational structure. The Hermeneutics becomes this communication understandable for an interlocutor. This verification - and the possibilities not yet tamed that it announces - can interest the Physical Education.

Key Words: Qualitative research. Life histories. Human Science. Methodology.

Introdução

Um pesquisador frente a seus dados de pesquisa se encontra numa situação que merece cuidados para que o curso metodológico previsto seja aplicado coerentemente mediante o *corpus*¹ constituído na pesquisa de campo. Neste momento, quando o material empírico é suspenso frente ao olhar analítico, uma questão acossa inevitavelmente: O que fazer com os dados coletados?

Como prerrogativa metodológica – sob o olhar da objetividade positivista² – a previsão assumida

no projeto de pesquisa surge como meio viável, e possível, para dar conta destes dados. Todavia, um olhar crítico ao positivismo³, faz ver que a aplicação do método pode passar por ajustes, para que o pesquisador enquadre justamente o método à ordem dos dados coletados.

Tal preocupação é pertinente se pensarmos que a pesquisa veio do auscultar de um questionamento sobre o qual não se tinha resposta. O esforço da análise, numa pesquisa científica, só se justifica na medida em que dá uma versão ao questionamento motriz da pesquisa.

¹ O termo “corpus” refere-se ao material empírico constituído após a realização da coleta de dados. É sobre os dados efetivamente coletados – o corpus – que o pesquisador irá concentrar seus esforços de análise ([BAUER; GASKELL, 2007](#)).

² A ciência positivista compreende os dados do mundo físico tal como eles se apresentam e não como parte da realidade

percebida pelo homem. É sobre esta estruturação dos dados empíricos que a ciência positiva fundamenta seu conceito de objetividade ([HABERMAS, 1982](#)).

³ A crítica de [Habermas \(1982\)](#) sobre o positivismo é a referência sobre a qual pautamos este olhar crítico..

Mesmo quando a intenção é testar um resultado já obtido, a tensão que envolve a expectativa pelo resultado previsto garante à pesquisa uma motivação, nem que seja apenas pela reiteração de um resultado.

Visto desta forma, a ordem dos dados, que constituem o *corpus*, sempre inaugura um novo olhar sobre a situação problematizada, uma vez que a busca pelo questionamento que mobiliza a pesquisa nunca é conhecida plenamente – pois se assim fosse não haveria questionamento, mas uma proposição logicamente estruturada que impede, por força de sua própria afirmação, qualquer dúvida que por sobre ela possa pairar.

Assim argumenta Cardoso:

“A coleta de material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipóteses, com a descoberta de pistas novas (...)” (CARDOSO, 1988, p. 101).

Assim é procedente pensar na necessidade de uma adequação do método, ou até mesmo uma construção original do mesmo, mediante o *corpus* de análise produzido, uma vez que a contingência de variáveis que a pesquisa de campo abarca, no curso da coleta de dados extrapola o âmbito da previsão – ou, ao menos, coloca a planificação em curso, o que, por si só já implica uma possibilidade de transformação do planejado.

Qualquer pesquisador, pelo menos aqueles que trabalham com seres humanos, inevitavelmente passam por esta situação. Até porque lidam com pessoas e não objetos inanimados. Tomar esta situação como suporte possível, sobre o qual a análise é estruturada passa por um esforço quase heróico na busca da desconstrução de uma ordem do método que insiste em negar a procedência deste suporte, enquanto estrutura legítima de verificação científica.

Cardoso ajuda-nos a pensar que esta ordem contra a qual nos mobilizamos arrancou o sujeito como protagonista de sua própria história, configurando aquilo que dele foi observado como “*formas objetivas com existência própria e independente dos autores*” (1988, p. 99).

É esta construção objetiva do método que o curso da pesquisa deve desconstruir na tentativa de recuperar o sujeito da redução objetual a ele imposta pelo olhar analítico.

Todavia, como desconstruir algo que subliminarmente impõe sua ordem? A hegemonia da objetividade positivista chegou a tal nível de fixação em nossos modos de pensar que o discurso científico só parece ter legitimidade quando devidamente assentado nesta ordem de objetividade. Portanto, antes de clamar por uma negação desta ordem, é mais sensato conhecer seus mecanismos, para, só então, pensar a negação deste pensamento, pois é só a partir deste contorno que os princípios motores do positivismo podem ser evidenciados.

O objetivo deste texto é expor os mecanismos através dos quais o sujeito foi resumido na ordem dos dados, como recurso para extrair-lhe uma suposta objetividade provedora de legitimidade científica e, a partir daí, observar o esforço das Ciências Humanas – sob a perspectiva da Hermenêutica filosófica de Gadamer (2003) – na busca por uma proximidade com o sujeito – atenta ao perigo da redução objetual – através da verificação das histórias de vida. Esta aproximação permite indagar sobre as possibilidades da Educação Física ampliar seu âmbito de conhecimento ao levar em conta o corpo e o movimento (sob os crivos da linguagem) como agentes potenciais de história, revelando uma afinidade ontológica entre campos distintos de conhecimento.

A ciência na ordem cartesiana do método

Se pensarmos a pesquisa segundo as prerrogativas positivistas é possível aproximar esta perspectiva à estruturada do pensamento cartesiano. René Descartes (1596-1650) foi o precursor do pensamento cartesiano. Segundo esta perspectiva, o corpo com suas sensações e sentidos não pode nos dar certezas e, portanto não nos conduz ao entendimento das experiências vividas. Assim, para se chegar à verdade é preciso definir a razão como eixo sobre o qual o conhecimento da verdade se constitui, desconsiderando deste esforço analítico todo e qualquer dado que não se dobre ao escrutínio racional. É desta perspectiva que o pensamento científico moderno se estruturou.

Quando verificamos uma experiência a partir deste ponto de vista faz-se necessário recorrer a uma depuração dos dados desta experiência. Neste esforço de depuração, o olhar analítico extrai da experiência somente os dados passíveis

de determinação. Com isto, a experiência é resumida e deste resumo surge não mais a experiência observada, mas sua versão especular, isto é, sua versão enquanto objeto de pesquisa.

Esta redução da experiência sob os moldes do objeto de pesquisa é prerrogativa cartesiana em busca de um contorno sobre o objeto que dê a este um entendimento legítimo na ordem do discurso científico⁴. É por sobre este contorno que o método científico ganha seu caráter sistêmico e objetivo.

[Habermas \(1982\)](#) irá traçar uma severa crítica a este contorno no positivismo. Segundo este autor, o positivismo assinala o fim da teoria do conhecimento para dar lugar a uma teoria das ciências. Através deste deslocamento, o positivismo define seu foco metodológico sob os termos objetivos da ciência e desconsidera todo e qualquer dado que não se encaixe nesta objetividade.

Deste ponto, de onde só os dados objetivos têm procedência no campo racional e analítico das ciências positivas, só cabe questionar: O quê do dado pode ser determinado? Aquilo que se enquadra na ordem da mensuração: *Quanto tem? Quanto há? Quantos disseram? Quantos concordam?* Enfim, a ordem quantitativa dos dados cria uma lógica de discurso que atende uma necessidade de compreensão racional que só entende aquilo possível de quantificar – pois só assim admite a comprovação, como marca de determinação de um conhecimento dominado pelo homem.

Convém salientar que as convenções ordenadas nas esferas públicas da política, da economia e da cultura também podem funcionar como marcas de determinação. Os saberes que aí se estruturam fazem função a uma ordem estabelecida como medida normativa. Aí, o possível saber é o saber que se quer que saiba segundo uma ordem imposta.

Cardoso argumenta a respeito da necessidade de um deslocamento da noção de determinação implícita nesta ordem imposta:

⁴ Segundo Descartes essa exigência pode ser apresentada como visando a unidade do saber, porque não é pensável que a racionalidade seja plural, estilhaçada. Usando uma citação literal de Descartes sobre as verdades matemáticas e lógicas: “la vérité ici n’est que si elle est une; or elle ne peut être une qu’en devenant univoque” (a verdade aqui só é se for uma, ora ela não pode ser uma senão tornando-se unívoca) ([GAUFEY, 1996, p. 18](#) – tradução aproximada).

“(…) é preciso repensar a noção de determinação e de processos estruturantes para reconhecer um espaço para os sujeitos sociais. A redução do marxismo a um economicismo mecânico transforma os atores sociais em objetos e o comportamento em ações automatizadas. Sem uma revisão destas distorções teóricas, é difícil conseguir um bom rendimento das técnicas qualitativas de investigação” ([CARDOSO, 1988, p. 99](#)).

Frente a esta ordem hegemônica ameaçadora, o que é possível saber então? Nesta ordem do pensamento, só é possível saber aquilo que pode ser comprovado, segundo certo direcionamento que permita um entendimento específico. O aforismo cartesiano “*Penso, logo existo*” resume bem este ponto de vista. O pensar é condicionado a uma lógica (uma construção) de existência que se sustenta como uma superestrutura reguladora do próprio pensamento.

Quando o método assume um compromisso quantitativo de análise, as variáveis observadas passam por um tratamento que permite o cálculo das mesmas segundo uma estrutura que faça referência aos dados numa ordem, não mais empírica, mas lógica. Tal compreensão dá conta suficientemente dos dados do real, quando, sobre estes dados, o que interessa são aqueles passíveis de redução na ordem do cálculo.

É aí que se encaixam as análises estatísticas, por exemplo. Os dados estatísticos direcionam o olhar para o universo das probabilidades. Mediante este direcionamento mensuramos a ocorrência de uma experiência e fundamentamos nossos procedimentos de acordo com os resultados deste cálculo – que, aliás, substitui a experiência como evidência *a priori*.

Esta ordem na percepção das experiências é muito eficiente, pois funciona como estrutura reprodutora de uma ordem de pensamento que tem na cognição seu campo de tratamento do saber – o que, inevitavelmente traz uma dimensão de poder a este saber que se quer que saiba.

Convém deixar claro que não só a pesquisa quantitativa leva a marca do positivismo como uma égide poderosa que a protege e lhe dá legitimidade no campo da ciência. Tal como observado por Cardoso, a partir da referência de Willis, as técnicas de metodologia qualitativa mantêm um compromisso secreto com o positivismo na medida em que seus instrumentos

de operacionalização analítica ainda se baseiam numa relação objetiva⁵ de verificação do sujeito (CARDOSO, 1988, p. 102). Assim, a ruptura decisiva que, ao menos no discurso parece se sustentar, na ordem da pesquisa de fato, não se efetiva e, ao contrário, reitera a ordem da objetividade sob os parâmetros positivistas nela impregnados.

Desbravando outras possibilidades de se fazer ciência

É sobre este contexto imperativo circunscrito nas vias da pesquisa quantitativa que, sem o devido cuidado, também contamina a pesquisa qualitativa, que as Ciências Humanas tentam desbravar possibilidades de verificação científica e instalar um olhar de verificação diferenciado, forjado nas entrelinhas do cálculo e das probabilidades, atento a observação do sujeito e suas histórias, seus sentidos e suas significações.

A Educação Física vem gradativamente percebendo este âmbito de pesquisa como uma possibilidade de tratamento de seu universo específico de investigação. As Ciências Humanas dão suporte a este esforço. Os estudos sobre a Corporeidade cada vez tomam novas direções, apresentando novos horizontes de estudo a partir da Filosofia, da Psicologia, da Antropologia e da Sociologia. Aliás, a busca de interlocutores nas Ciências Humanas que dialoguem com educadores físicos nas suas investigações científicas extrapola o âmbito da Corporeidade, criando novas áreas afins de pesquisa.

Convém salientar que há uma dificuldade, por parte da Educação Física, de observar o corpo numa perspectiva diferenciada. O olhar viciado na perspectiva macro-estrutural desta área (que visa a eficiência e a funcionalidade do movimento humano em função de resultados idealizados) insiste em captar apenas dimensões fragmentadas que traçam, cada uma no seu ângulo de visão, discursos sobre o corpo. Assim, a Fisiologia do Exercício, a Biomecânica, a Cinesiologia, ou mesmo as disciplinas pedagógicas evoluem em seus quadros conceituais, cercando o conhecimento na ordem

⁵ A rigor, objeto é o dado sobre o qual o pesquisador se dobra a análise (BAUER; GASKELL, 2007). Assim, falar em "relação objetiva" implica em reiterar a oposição pesquisador-objeto como prerrogativa à análise. Esta oposição fundamental define a constituição de um conhecimento sobre o objeto à luz da racionalidade cartesiana. É sobre este ponto de vista que a expressão "relação objetiva" deve ser entendida.

do possível saber⁶, sem considerar, muitas vezes, um esforço de interação destes conhecimentos em direção a verificações mais amplas do corpo e da experiência nele revelada.⁷

Não que a soma destas dimensões possa, por si só, dar origem a um leque perspectivo mais amplo, pois neste tratamento não realizamos mais do que uma bricolagem. É preciso estar atento, como nos ensina Cardoso, para "não abolir as subjetividades e não analisar os discursos como exteriores aos atores que os produzem" (1988, p. 101).

As Ciências Humanas dão possibilidades de repensar a posição destes discursos, quando propõe observar mais do que os dados captados nas vias do entendimento (captação cognitiva – aquela que se enquadra na objetividade positivista). Junto a esta compreensão lógica, o corpo em movimento cria história e emana sensações, sentidos e sentimentos que escapam à cognição. Esta contingência pode ser observada quando nos lançamos à verificação da história de vida do sujeito. É aí que a Educação Física pode encontrar outras possibilidades de investigar o corpo e re-significar seu conhecimento específico frente às demandas de uma observação atenta ao homem engajado como protagonista na constituição de si próprio.

Quando tomamos a história de vida do sujeito como dado de verificação científica, esta história produz um *corpus* de análise. Mediante este *corpus* é preciso lançar mão de um dispositivo que dê conta destes dados sem resumir sua materialidade na ordem da determinação. A Hermenêutica⁸ se apresenta como uma possibilidade a este deslocamento analítico, na medida em que oferece um suporte metodológico para tratar o discurso singular do sujeito (em meio a suas memórias implícitas no traço performático de sua fala) como fio condutor de sua própria história.

⁶ A expressão "a ordem do possível saber", faz referência ao ponto de vista da ciência moderna. As prerrogativas que funcionam nesta ordem do saber atendem a um direcionamento do discurso preocupado com as dimensões possíveis de determinação do objeto pesquisado, descartando as variáveis que possam tornar equívoca esta verificação.

⁷ É aí que a suposta pesquisa qualitativa na Educação Física se revela infrutífera, ao menos para sustentar uma alternativa diferenciada de verificação de seu âmbito de conhecimento.

⁸ A obra "*Verdade e Método - Esboços de uma Hermenêutica Filosófica*" (2003) de Hans-Georg Gadamer será nossa referência sobre Hermenêutica. Mais adiante apresentaremos uma visão propedêutica sobre este tema.

Mas o quê o corpo e o movimento – como campos de conhecimento da Educação Física – têm a ver com a história de vida do sujeito? Ora, se o homem é corpo – como os estudos da Corporeidade querem fazer ver – a verificação de sua história de vida dá uma visão ampla sobre as formas como o corpo faz história no traço de sua própria potencialidade. É assim que corpo e movimento ganham novas dimensões de verificação.

Como uma preparação para a observação destas novas dimensões de verificação, nos inspiramos em [Bosi \(2003\)](#) para conseguir encontrar nas entrelinhas da história oficial⁹ o curso de uma outra história: a história de vida do sujeito. É deste ponto que instalamos nosso foco de observação sobre corpo e movimento.

Nas histórias de vida, a perspectiva individual ganha espaço. As memórias traduzidas em palavras no exercício do contar (a história de vida) iluminam a versão individual abrindo caminho para outros percursos de compreensão sobre o ser humano e sobre a experiência que revela.

Histórias de vidas: uma possibilidade de ver o corpo de outra maneira no âmbito da ciência

O corpo em movimento traz como efeito desta implicação uma experiência. Esta experiência é material de estudo científico. A forma como a ciência positiva contornou a verificação da experiência já foi aqui explicitada, dando-nos suporte para sustentar a necessidade de certo deslocamento sobre este contorno hegemônico instituído.

A verificação da experiência como acontecimento abre condições para se efetuar este deslocamento, na medida em que permite sua observação à luz dos sentidos e valores desta experiência para a vida de um sujeito.

Mas, o que são acontecimentos de valor? Acontecimentos de valor são aqueles que tocam profundamente na sensibilidade do sujeito, contribuindo essencialmente na constituição

deste, como um movimento de escultura em favor da própria produção de si. São estes acontecimentos que guiam a inscrição das memórias, dando curso aos sentidos existenciais do sujeito.

Segundo [Poirier; Clapier-Valladon; Raybaut \(1999\)](#), estes acontecimentos de valor são os elementos que tecem as histórias de vida dos sujeitos. Estas histórias, por sua vez estão carregadas de impressões que denunciam as formas como os sujeitos se relacionam com a tradição.

Quando estas histórias produzem personagens elas tecem um discurso biográfico, todavia, quando a autoria irreduzível de um sujeito quebra a continuidade causal de seu relato, o sujeito traz à luz uma outra história, iluminada por suas sensações, imaginações e percepções. É aí que o sujeito conta algo de si nas entrelinhas da história oficial.

Este contar provoca movimentos que podem até não mudar o rumo da história, mas constituem o traço de um outro movimento histórico, atento à atuação singular de cada indivíduo, não só a despeito dos movimentos imperativos da história oficial, mas principalmente, como atuação à favor da expressão autoral constituída nas relações singulares que o sujeito se enreda.

Assim, a história de vida apresenta uma versão subliminar do sujeito na malha macro-estrutural, pois faz referência ao sujeito e não a ordem que o enquadra como unidade anônima na engrenagem social.

Para observar esta narrativa subliminar é preciso romper com o liame da história oficial e buscar os movimentos imperceptíveis desta ótica, aqueles que se constituem no anonimato e que deixam à mostra o esforço do sujeito – aparente em seu corpo (seus modos de ser e de agir) e em sua linguagem (os discursos que constrói como representantes de uma verdade que ele constrói para si). É neste campo de verificação histórica que podemos encontrar o corpo e captar suas reações, atuações, marcas e potencialidades que jogam com as diversas situações da vida como recurso para criar vida.

A história oficial, por outro lado, trata um acontecimento para adequá-lo a uma ordem já estabelecida. Desta maneira, os acontecimentos

⁹ Para [Bosi \(2003\)](#), a história oficial é aquela escrita nos manuais e nos livros didáticos e que nos informa datas importantes e acontecimentos históricos da sociedade. É desta perspectiva historiográfica que Bosi abre mão para dar curso a uma outra construção da história, aquela que diz respeito às experiências vividas pelo sujeito e que trazem à luz expressões da memória do sujeito, através do exercício do contar (a vida).

históricos seguem uma linha contínua de evolução que dão aos sujeitos uma versão oficial dos dados históricos. Esta versão oficial é depurada de qualquer informação que não funcione como elo da continuidade histórica. Deste ponto de vista, não importa a história de vida de uma pessoa, se a atuação que lhe cabe na ordem da história oficial for apenas contingente, o que condena o sujeito ao anonimato eterno.

A história oficial procura a todo custo engrenar a história pessoal nos crivos de sua regulamentação arbitrária, o que define seu caráter persuasivo e indolente. Todos os indivíduos de uma época histórica são enredados no enlaço da história oficial, como se só existissem em meio a este enredar elegido. Desta maneira, o individual só cabe quando depurado e posto em função de um ideário que se coloca maior que qualquer individualidade.

Por outro lado, a história individual é cheia de subjetividades¹⁰. As sensações, os ressentimentos, os sentidos e os pensamentos são os elementos que dão a esta subjetividade uma pluralidade que não admite resumos no enquadramento oficial da história, visto que, tais elementos são materialidades que escapam à continuidade histórica e a seu tratamento causal.

Sob este olhar forjado da malha imperativa da história os indivíduos criam vida, na medida em que movimentam seus modos de ser e traçam com seus próprios corpos, o curso de suas vivências. É nesta perspectiva que a vida é mais do que uma sobrevivência – como quer fazer ver o olhar sócio-econômico.

Esta versão dos fatos pode ser contada nas versões auto-biográficas, nas histórias de vida e constituem o traço de nossas memórias. É por isto que nos dizem respeito de forma tão intensa, pois expõe profundamente nossas sensibilidades, inscritas em nossos modos de ser e em nossa linguagem.

Segundo [Bosi \(2003\)](#), é o exercício de contar (a história de vida), para outras pessoas, que faz com que a memória seja reatualizada. O exercício performático do contar reorganiza as

lembranças e faz emergir o curso de uma história profundamente arraigada nos afetos do sujeito frente suas experiências vividas. É deste ponto, quando o sujeito conta uma versão de si sem abrir mão da autoria deste contar, que a história de vida deixa de ter somente uma dimensão individual, para apresentar também uma dimensão social, sem que com isto, o sujeito seja resumido e subtraído da história.

Estar atento a dimensão individual no curso de uma pesquisa científica não significa que tal evidência, alheia ao olhar racional, esteja invadindo irremediavelmente o campo da reflexão e se sustente por si mesma, intocável de qualquer esforço de compreensão. Esta invasão traz à cena uma natureza intersubjetiva que não se constitui unicamente no sujeito – como objeto de estudo suspenso frente a um pesquisador – mas sim na relação entre pesquisador e informante. É aí, neste campo entre – que ocorre durante um o contar, ou mesmo durante uma entrevista – que o discurso é modulado, levando em conta, essencialmente, a comunicação estabelecida entre estas duas pessoas que estão procurando um entendimento, como recurso para dar vazão às memórias do sujeito ([Bosi 2003](#)).

Segundo [Houltz \(1997\)](#), a entrevista oferece ao pesquisador uma versão bastante ampliada sobre o entrevistado. As informações que advém deste meio, não podem ser resumidas. Surge daí a necessidade de se construir um método atento ao perigo deste resumo.

Mediante esta preocupação, a Hermenêutica se apresenta como possibilidade bastante pertinente e que aqui nos interessa observar.

Hermenêutica: uma possibilidade de compreensão das versões orais

A Hermenêutica busca elucidar um fenômeno de maneira a torná-lo compreensível. Tal compreensão só se constitui a partir de um esforço de tradução da linguagem que comunica o fenômeno observado.

Esta linguagem pode ser captada na linguagem oral dos sujeitos. Aí, em meio ao traço eventual e episódico da fala, o sujeito comunica algo de si e abre condições para que um interlocutor compreenda esta comunicação.

¹⁰ O termo “subjetividades” é aqui empregado a partir da referência de [Gadamer \(2003\)](#). Subjetividade refere-se aos processos sobre os quais o sujeito se constitui por ele próprio, a partir das relações que estabelece consigo, com o outro e com o meio. É para garantir a escuta das subjetividades que a

história de vida do sujeito surge como possibilidade metodológica.

Para que a compreensão seja possível, a linguagem falada deve ser traduzida para um texto escrito. Esta tradução parte do pressuposto de que há uma dessemelhança fundamental entre a palavra falada e a escrita.

Segundo [Baena; Borrego \(1997\)](#), a linguagem oral e a linguagem escrita são sistemas paralelos com autonomia relativa e estruturas específicas. Tal autonomia inviabiliza a realização de transcrições objetivamente literais. Daí a pertinência da versão como opção que permite uma interlocução entre as linguagens distintas.

Quando se quer observar a linguagem para além de sua gramática, tentando abarcar também os sentidos nela revelados, é preciso estar atento aos silêncios, aos titubeios, as repetições, a retro-estimulação verbal, as interjeições e tantos outros elementos da fala que, muitas vezes ficam carentes de significado nas transcrições escritas. Segundo [More \(1997\)](#) é preciso considerar o grande valor destes elementos da fala durante a tradução, pois eles são elementos potenciais de sentido.

Feito este esforço de tradução, o pesquisador deve aguçar seu olhar para a necessidade de se distinguir a compreensão (a verificação da estrutura da linguagem observada) da interpretação (a busca dos significados que tal linguagem suscita).

É claro que esta distinção não se sustenta assim de forma fragmentada. Segundo Gadamer, “a forma de realização da compreensão é a interpretação” ([2003, p. 503](#)). Todavia, tal distinção – como prerrogativa procedimental – permite atribuir à tradução uma estrutura atemporal que sustenta o mal-entendido como marca necessária ao próprio esforço de entendimento. Do contrário, o pesquisador confunde compreensão com interpretação, acomodando um entendimento arbitrário e tendencioso segundo seu próprio juízo de valor. A interpretação deve respeitar esta diferença fundamental entre os interlocutores.

Como é possível garantir este respeito? Através de um distanciamento do pesquisador frente seus dados coletados. Esta atitude mantém o estranhamento que circunda o fenômeno observado (garantindo sua singularidade, sua atração, enquanto um campo de desconhecimento e enquanto campo que detém seus próprios recursos lingüísticos) e prorroga a interpretação, preservando a integridade da

compreensão dos juízos de valor que a contaminam.

Este distanciamento, segundo Gadamer, viabiliza a restauração histórica de um contexto de vida, dando uma compreensão deste contexto observado. Frente a esta observação, a Hermenêutica quer conhecer o sentido do texto, não sua verdade. Para isto a compreensão precisa eliminar toda e qualquer pressuposição, inclusive a da razão própria do pesquisador, pois só então a interpretação procede sem contaminar o texto de juízos arbitrários. A interpretação, portanto, só procede se for guiada pela perspectiva do outro – autor da linguagem verificada ([2003, p. 252](#)).

Desta maneira, a Hermenêutica expõe as redes de significado como marcas qualitativas do fenômeno observado. Tais marcas são expressões de certa experiência de mundo, portanto, sua compreensão abarca necessariamente uma dimensão de verdade implicada na própria estrutura da linguagem, o que desloca a questão epistemológica para uma dimensão irreduzível de interpretação, assentada na interlocução do fenômeno observado segundo a linguagem comunicada pelo próprio sujeito.

É por isto que, sob o olhar da hermenêutica a verdade não é outra se não for a verdade do sujeito – o que justifica a verificação das versões orais, na coleta de dados, em detrimento da versão oficial da história, pois é aí, que a noção de sujeito soberano é desmantelada, mediante a expressão do sujeito de fato.

[Gadamer \(2003\)](#) observa a relação entre historiografia e hermenêutica, salientando o quando a interpretação psicológica dos sujeitos está aquém do liame historiográfico – o que facilita o ofuscar das subjetividades mediante o traço implacável da história. Ora se a tradição – elemento que cria história e dá a ela uma dimensão de sentido – pode ser moldada na inscrita de uma história que pretende representá-la, segundo suas intenções hegemônicas, é na linguagem que esta inscrição arbitrária é despojada, trazendo uma dimensão irreduzível de compreensão engendrada sob a autoria de um sujeito e não sob um discurso fundante dado *a priori*.

É, na linguagem, portanto que a tradição (o sentido) se atualiza mediante o discurso de uma subjetividade irreduzível. É o corpo e o movimento

que inflam esta linguagem, dando a ela sua materialidade de fato.

Onde é possível captar esta versão da tradição? Nas entrevistas. É aí que o sujeito dá sua versão dos fatos e abre caminhos para a Hermenêutica.

A coragem de ousar novos meios de pesquisa: um desafio para a Educação Física

A Educação Física nivela seu campo de discussão científica num enquadramento unilateral de observação do corpo e do movimento quando dá importância excessiva à análise quantitativa, pois aí, o corpo – e a experiência nele revelada – é reduzida a um dado objetivo de análise.

A pesquisa qualitativa também ajuda a reproduzir este enquadramento quando direciona suas conclusões em função de um entendimento aplicado na ordem dos fatos sem considerar a realidade percebida pelo homem – o que revela um compromisso com a visão positivista.

Antes de funcionar como indicadores de uma realidade exterior ao sujeito, os “resultados” expõem qualitativamente a verdade de um sujeito – o que resgata o potencial gerado na singularidade irreduzível de cada sujeito, em detrimento da visão generalista do homem impregnada nos discursos sócio-político, cultural e econômico. As especulações que derivam desta verdade podem até servir como indicadores, mas não sem antes serem resumidas na ordem dos dados. Neste esforço, o sujeito é engrenado para se enquadrar no quadro geral que se quer fazer ver (as determinações do real).

A insistência neste direcionamento hegemônico do olhar analítico é reflexo de uma necessidade eminente na esfera pública de tratar o corpo como máquina. Desta maneira, tal como na pesquisa quantitativa, na vida cotidiana, não interessa a história de vida das pessoas (as variáveis e as potencialidades que extrapolam o campo da determinação), antes disso, o que parece interessar mais é a função que cabe a elas na engrenagem social vigente (a marca indelével e condicionante da determinação sobre o corpo).

Quando é imposta ao corpo uma necessidade de produção e eficiência, seja na esfera pública

ou mesmo na intimidade de nossas vidas particulares, só tem sentido aquilo que se faz em função de bons resultados. Passar no vestibular, passar no concurso público, ter um emprego decente – se possível um cargo de gerência – todas estas exigências direcionam nossas vidas à ordem da produção, reforçando a idéia do corpo máquina.

Todavia, o corpo é muito mais do que aquilo que dele pode ser calculado ou refinado em função de uma ordem estabelecida. Suas histórias não admitem redução e obedecem a uma ordem sim, mas não uma ordem colocada sobre o sujeito, sob uma legitimidade soberana que o ofusca implacavelmente, mas a uma ordem por ele próprio contada, como marca autoral de sua própria existência. É por esta ordem forjada (inscrita na linguagem) que o corpo é visto como protagonista da história, pois é ele o agente de sua própria narração.

O corpo em movimento cria linguagem – seja linguagem corporal (que se inscreve no ato), ou linguagem verbal (recurso para comentar aquilo que se passa – e o que passa é movimento – no corpo, nas relações que o sujeito se engendra). As histórias de vida captam esta linguagem, expondo sua estrutura comunicacional. A Hermenêutica torna esta comunicação compreensível na verificação de um interlocutor e é esta verificação – e as possibilidades ainda não desbravadas que ela possibilita – que pode interessar à Educação Física.

Não é possível enxergar este âmbito de discussão quando não se dá abertura para este olhar. É para garantir esta alternativa perspectiva que o diálogo entre as Ciências Humanas e a Educação Física deve ser encorajado, só aí as verificações sobre o corpo e o movimento ganham novas e intrigantes dimensões de reflexão.

A coragem de ousar movimenta a pesquisa qualitativa, mas se o véu da ilusão positivista não é descerrado, não avançamos para outra dimensão senão aquela circunscrita sob as malhas do possível saber.

O que vai além do possível? As impressões do sujeito, inscritas em seus corpos e em sua oralidade. É nesta dimensão performática, que se dá como linguagem, que o possível é somado ao contingente (as dimensões irreduzíveis expressas na linguagem), dando ao corpo uma

multiplicidade intrigante que pode ser assumida como campo de verificação da Educação Física.

Referências

[ALVES, F. S.](#) **Face a ecaF**: quando “Tu” dança. 2006. 150f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes – Unicamp, 2006.

[BAENA, V. C.; BORREGO, I. G.](#) La Transcripción em história oral: para um modelo “vivo” del paso de lo oral a lo escrito. **Historia, Antropología e Fuentes Orales**, v.2, n.18, 1997.

[BOSI, E.](#) **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê editorial 2003.

[CARDOSO, R.](#) (org) Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, R. **A aventura antropológica**. Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

[GADAMER, H. G.](#) **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 5ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

[GAUFEY, G. L.](#) **L’Incomplétude du symbolique**: de René Descartes à Jacques Lacan. Paris: EPEL, 1996.

[HABERMAS, J.](#) Positivismo, pragmatismo e historicismo. In: **Conhecimento e interesse**: com um novo pós-fácio. Rio de Janeiro: Zahar: 1982, cap. II, p. 898-21.

[HOULTZ, A.](#) Versiones biográficas/ versiones autobiográficas. Lãs entrevistas y el material autobiográfico como médio de comunicación y método para recabar información. **Historia, Antropología e Fuentes Orales**, v. 2, n. 18, 1997.

[POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON, S.;](#)
[RAYBAUT, P.](#) **Histórias de vida**: teoria e prática. 2ª. Ed. Oeiras: Celta, 1999.

Bibliografia consultada

[BOSI, E.](#) **Memória e Sociedade**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

[MEYER, E.](#) Desconstrucción de la memória, construcción de la historia. **Historia, antropología e fuentes orales**. n. 19. 1998.

[MORE, K.](#) Perversion de la palabra: la función de lãs transcripciones em la historia oral. **Historia, Antropología e Fuentes Orales**, v. 2, n. 18, 1997.

[QUEIROZ, M. I. P.](#) Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMOSON, O. M. (org.).

Experimentos com histórias de vida. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1988.

[RUBIO, K.](#) A história de vida como método e instrumento para a apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. **Revista Motus Corporis**. Vol 11, n. 01, 09-21, 2003.

Nota sobre o autor: Formado em Educação Física pela Unesp de Rio Claro, mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Unicamp, doutorando em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esportes da USP – área de concentração: Pedagogia do Movimento Humano.

Endereço:

Flávio Soares Alves
Rua Domingão Gonçalves, 109
Vila dos Lavradores
Botucatu SP Brasil
18609-057
Telefax: (14) 3882.5019 ou (14) 972.82710
e-mail: flavio.salves@usp.br

Recebido em: 30 de abril de 2009.

Aceito em: 27 de julho de 2009.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)